



FILÓSOFA DO RISO

Brasileira do Cirque du Soleil, que apresenta o espetáculo “Amaluna” por aqui neste mês, fala da arte e dos arquétipos de ser palhaça

POR MARÍLIA KODIC

Personagem culturalmente arquetipado, estereotipado e infantilizado, o palhaço é, segundo Gabriella Argento, 42, muito mais do que isso: é a essência humana em estado de liberdade plena. Integrante há mais de uma década do Cirque du Soleil, a maior companhia circense do mundo, ela se apresenta agora no Brasil com a trupe no espetáculo “Amaluna” (que estreia em 5 de outubro em São Paulo e 28 de dezembro no Rio de Janeiro) após um hiato de 4 anos do grupo por aqui. A seguir, ela fala sobre as dores e delícias do ofício de fazer rir.

Qual a melhor parte de ser integrante da mais conhecida companhia circense do mundo? A pluralidade cultural. Em tempos de tanta intolerância racial e cultural, é como estar num oásis. Nesse espetáculo, somos mais de 100 pessoas e 26 nacionalidades diferentes trabalhando e convivendo de maneira harmônica e respeitosa, provando na prática que, no fim das contas, todo ser humano tem as mesmas questões, dores e anseios. É como fazer parte de um experimento antropológico. Às vezes, me sento à mesa para comer e ouço três, quatro idiomas diferentes

simultaneamente... com risadas em uníssono. Sinto-me feliz e privilegiada.

Trabalhar com circo tem muito a ver com enfrentar medos e limites, né? As artes, em geral, habitam fora da zona de conforto. Logo, para o artista, a zona de conforto é o desconforto. O risco e o medo estão presentes todo o tempo, e são fundamentais para que não percam os parâmetros de segurança real. Eu sou muito medrosa, o que é um paradoxo com o estilo de vida que escolhi. Mas, para mim, encarar os medos ainda é a melhor forma de crescimento.

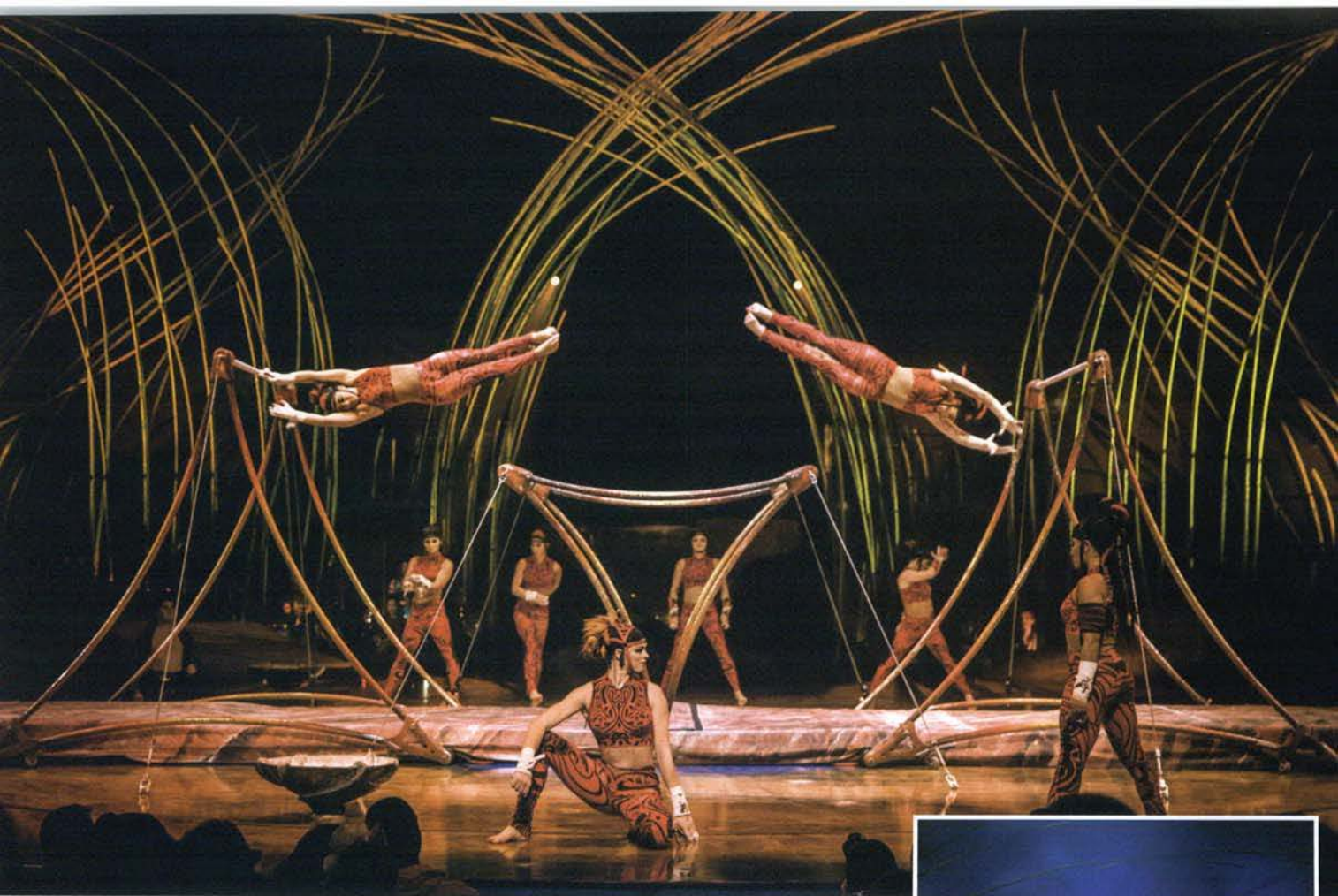
Para você, o que é ser palhaça? Qual a filosofia e a essência dessa figura? Pergunta complexa. Essa é minha busca de vida: estudar e compreender a filosofia por trás da máscara do palhaço e suas variáveis e manifestações na arte e na vida. O palhaço nada mais é do que a essência humana em estado de liberdade plena. Aquilo que somos antes de sermos corrompidos pelas regras da sociedade. O arquétipo do palhaço é o ser que aceita e celebra sua natureza, por mais inadequada que seja.

Ele não é um personagem infantilizado, mas é amoral como a criança. Não julga o outro, aceita. E não tem

passado nem futuro, vive o momento plenamente e olha para tudo e todos como se fosse a primeira vez.

Ser palhaça carrega para mim um significado maior. Essa, como muitas outras, foi uma arte predominantemente masculina por muitos séculos. Ver as mulheres se destacando nesse campo é um reflexo da nossa evolução. E estar numa companhia de prestígio nessa posição, num show que celebra o feminino, é uma vitória não só minha, mas de todas as mulheres comediantes.

Há uma percepção cultural equivocada do palhaço? Falei do arquétipo, agora falemos do estereótipo. É comum pensar na figura com grandes sapatos, maquiagem carregada e trejeitos extravagantes, e não só no Brasil. Não diria que é uma percepção errada, mas a arte da palhaçaria vem mudando, principalmente a partir do século 20. Não podemos desconstruí-lo do dia para a noite, mas podemos difundir um palhaço mais humanizado, que é a linha em que atuo, para que a plateia possa reconsiderar o estereótipo. Só existem dois tipos de palhaço, como diria o mestre Phlillipe Gaulier: os bons e os ruins. Se ele faz rir, pouco importam as roupas, a maquiagem e os trejeitos.



Com um elenco majoritariamente feminino e banda composta apenas por mulheres, “Amaluna” trata da força das mulheres? Trata da força feminina, mas sobretudo como ela abarca e agrega o masculino. Diversos atos executados por mulheres foram de domínio masculino por muito tempo. No espetáculo, as mulheres são fortes, dinâmicas e dominantes. Mas há também doçura, beleza e poesia. E vemos todas essas características confluindo e harmozinando com o universo masculino. Muito maior que empoderamento: igualdade e equilíbrio.

Na sua opinião, a arte tem papel na educação da sociedade? Sim, e um papel fundamental. Ela é tão necessária quanto educação, saúde ou saneamento básico. O ser humano precisa da arte para ganhar novas perspectivas sobre a vida, crescer emocionalmente... Especialmente em países menos desenvolvidos, a arte tem um papel importante na formação de indivíduos. Por isso a importância



A superprodução “Amaluna”, que tem como temática a força das mulheres, estreia no Brasil em outubro e passa por São Paulo e Rio de Janeiro



"Amaluna" estreou em Montreal em 2012 e, desde então, já passou por 30 cidades de 10 países e foi visto por mais de 4 milhões de espectadores

de projetos sociais e governamentais ligados a arte-educação. A vida de um jovem pode mudar se ele tiver oportunidade de alguma vivência artística. Ele se tornará mais benevolente, empático, crítico e conectado com a sociedade que o rodeia. Sou uma grande defensora da arte-educação.

O figurino de "Amaluna" tem inspiração elizabetana, com referências ao Oriente e à Escandinávia. Qual a importância do figurino num espetáculo circense? Ele é a primeira fotografia que o cérebro do espectador vê de um personagem. Especialmente no circo, onde os personagens estão realizando truques e não representando, o entendimento do contexto dá-se por meio do figurino, do cenário e dos adereços. O Cirque é detalhista e cuidadoso na pesquisa de figurino. E, apesar de majestosos como todos os figurinos do Cirque, os de "Amaluna" mantêm a humanidade dos personagens.

Quais são os seus próximos projetos profissionais? Sigo a filosofia do palhaço. Vivo o momento, o aqui e agora. Mas meus planos futuros sempre incluem voltar ao Brasil para trabalhar com arte-educação, escrever e produzir meus próprios espetáculos. Arte é urgência para mim. E quanto mais eu viajo e conheço o mundo, mais sentido eu vejo em voltar.

